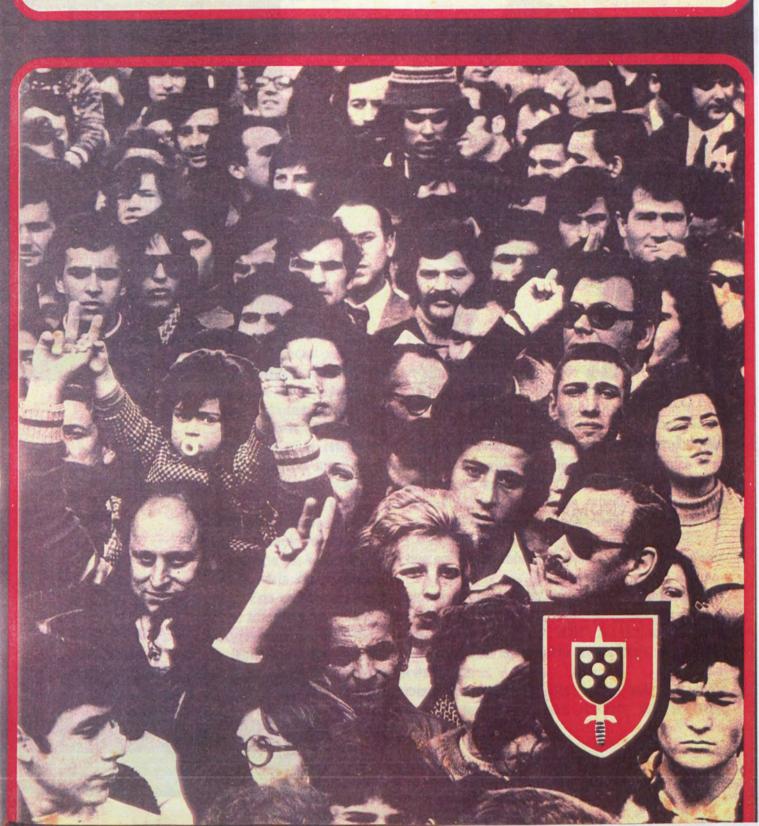
COMANDOS

Director: COMANDANTE DO C.I.C.

ANO I-MARÇO/MAIO 1974-N.º 12



Há carros que a gente põe na garagem. Há carros que a gente põe no coração.



A Rapport sabe como um carro faz parte da vida das pessoas. E como v. espera que o carro sempre funcione bem. Por isso, a Rapport não quer que você tenha apenas um carro. Ela quer que v. goste de coração dos :carros que ela vende. O maior orgulho da Rapport é vender carros que todos gostam e nunca desapontam ninguém.

SUB-AGENTES AUTORIZADOS

- * —BMW
- *—AUTOBIANCHI
- *-HANOMMAG
- * OPEL
- *-FIAT Carrinhas e Camiões

Consulte



R. Sá da Bandeira 136 Telef. 34851

LUANDA

OFERTA DE ANIVERSÁRIO



Na vida apenas sabíamos que nada sabíamos.

Éramos vagabundos dos dias e das noites, sem entendermos as palavras pregadas pelos profetas.

Sentiamo-nos atraídos por novas ideias, ávidos de iniciativas revolucionárias e salvadoras.

Mas os grandes homens, os homens e os homenzinhos iam sempre abrindo caminhos através dos planaltos, das gargantas rochosas e profundas, atravessando florestas virgens e sofucantes, sangrando das carnés feitas sangue, com corações apertados e olhos baços de olhares ausentes e lágrimas perdidas.

Só nas manhãs de camuflados domingos havia luz e espaço nos tempos para se transmitirem mensagens vestidas com roupagens cintilantes, envolvidas em grinaldas e cordões de seda, no meio de multidões e sinos repicando. As pétalas de rosas perdidas suavisavam o sorrir das gentes que ainda conseguiam sorrir ao bailado das pétalas e ao perfume das flores.

E só aí, só então o céu ficava livro aberto, nos anseios feitos susurros, nas palavras pálidas dos homens, dos grandes homens, e dos homenzinhos.

As palavras, as ideias os factos tomaram força através dos tempos e das gerações e nascem em dia de divindade como oferta ao povo vivo e mensagem ao povo morto, mensagem em tempo de "vivas".

"Os Direitos do Homem" ganharam mais expressão.

A partir de hoje fica decretado que...

Nunca mãos como aquelas se podem cansar.

Nunca aquelas vontades se podem quebrar.

Finalmente abriram a liberdade no coração, na boca e no pensamento do povo.

Daquele povo vagabundo dos dias e das noites.

Foi tarefa de gigantes a dos homens de verde com tons de amarelo nos ombros.

IMAGENS DO C.I.C.

CERIMÓNIA DE RECEPÇÃO AOS INSTRUENDOS DO 29.º CURSO DE COMANDOS

Esta é a cerimónia que mais marca um "COMANDO". Um misto de expectativa e medo invade os instruendos. ao cruzarem pela primeira vez - vindos das áreas do Grafanil - a porta de armas do Centro de Instrução de Comandos, onde são aguardados na Parada por todos os elementos do corpo de instrução. A visão das camisolas brancas — impossibilitando a diferenciação de graduações provoca nos instruendos uma apreensão invulgar.

Após a chegada, os novos candidatos ao uso do crachat são distribuídos pelos respectivos grupos. Após dirigir algumas palavras de boas vindas, dá por encerrada a cerimónia mandando iniciar de imediato o criterioso programa de instrução que preside à formação de um militar "COMANDO".







ENCERRAMENTO 2.º CICLO DO C.O.M. C.S.M.

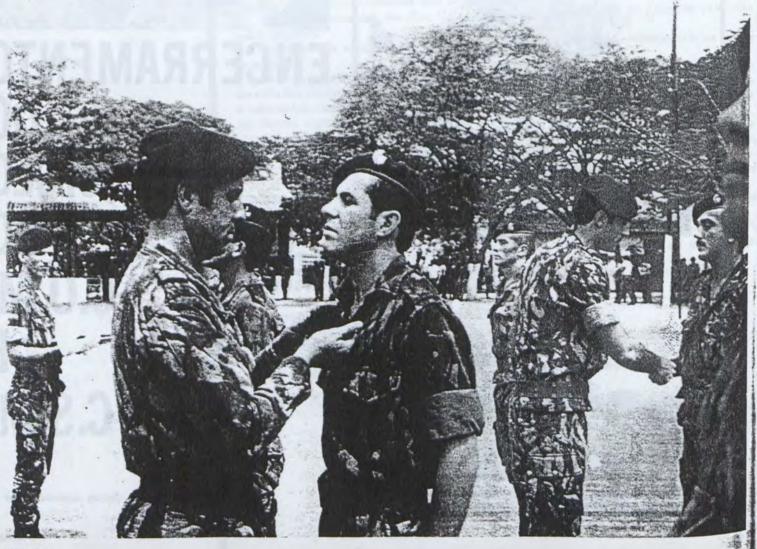
(Continua nas páginas seguintes) ->

IMAGENS DO C.I.C. IMAGENS DO C.I.C.



Presidida pelo Exmo. Comandante realizou-se neste Centro, a cerimónia de encerramento do 2.º ciclo do C.O.M. e C.S.M. relativo aos instruendos que frequentam o 29.º curso de Comandos.

Os novos graduados receberam os galões e divisas a que ganharam direito, das mãos do Exmo. Comandante, 2.º Comandante e restantes oficiais do corpo de instrução.



MAGENS DO C.I.C. IMAGENS DO C.I.C.



NOTICIÁRIO

MAJOR OLIVEIRA MARQUES

Terminou a sua comissão de serviço neste Centro o Sr. Major de Inf.* 'COMANDO" Delfim de Oliveira Marques.

Oficial ilustre e um dos mais da família representativos "COMANDO", irá agora desempenhar novas funções no cumprimento duma comissão civil.

Resta-nos manifestar um aceno de simpatia a tão distinto militar.

DOUTOR MABILIO DE ALBUQUERQUE

Quer pela sua qualidade de desportista, quer pela simpatia que o caracteriza, o Dr. Mabilio marcou bem a sua passagem por este Centro, ao qual dedicou estusiasmo invulgar durante toda a sua comissão.

Na hora da partida deixamos expresso o desejo que nesta nova etapa tudo sejam vitórias.

RECORDANDO A 36.ª COMPANHIA DE COMANDOS

A 16 de Novembro de 1971 teve início neste Centro o 23.º Curso de Comandos que formou duas novas Companhias -36. e 37. C. CMDS - destinadas à Região Militar de Angola.

se na área da Bela Vista com a Opera-

ção Açucena Púrpura, tendo este 23.º C. CMDS terminado a 67 DE Março de 1972 com a cerimónia de imposição de "CRACHATS" e a entrega do guião da Companhia, altura a partir da qual a A sua fase operacional desenvolou- 36.º C. CMDS sob o comando do capitão Manuel Artur Ferreira rendeu na R.M.A. a 24. "Companhia de Comandos.

Resumo da actividade operacional

Ao longo da comissão de serviço prestada neste Estado a 36.º C. CMDS tomou parte num total de 38 operações a seguir designadas:

Excelsa H, Expugnar H, Persistir 1." e 2. fases. Farol 4. fase, Estocada 2/IH. Joeira 2/IH. Cascar 2/IH. Obstinar 3/2H, Mercúrio R/H, Catar 300/H. Tucano 21/H. Almedina 300/I. Picar

71/H, Caça 300/H, Rubi/ZH 1.". 2." e 3. fases, Chiva 300/h, Chela 306, Zeus I/H 1. ' e 2. " fases. Chile 1. " e 2. " fases, Zip/ZH, Brazão/BIH, Monção/AH, Braçada/BIH, Bridão/BIH, Lingote/BIH 1.", 2. " e 3. " fases, Lição 3/IH 1. " fase, Lição/IH 2. ' fase, Potência B/IH 1. ' fase, Potência B/IH 2. fase, Lograr B/IH 1. fase, Lograr B/IH 3. fase.

FAZENDA CUERAMA, SARI **PECUÁRIA**

CAIXA POSTAL, 1378

LUANDA



AGÊNGIA DE VIAGENS UNIÃO União Imobiliária e Comercial SARL



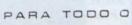




















DEMOCRACIA

Pensamos que nenhum sistema político foi tão elogiado e exaltado como a Democracia nem, também, como nenhum outro tão pouco praticado.

market and productive of

Perante o egoismo, a ambição e a falta de civismo dos homens é mesmo possível que a Democracia pura nunca tenha existido em termos de comunidade. Mesmo na antiga Grécia, donde partiu, nem em qualquer dos países que mais tarde o adoptaram como forma de governo. Isto é, têm, realmente, existido numerosas democracias de nome mas nenhuma de facto.

Os regimes chamados democráticos têm sido, de uma forma geral, uma deformação ou uma caricatura, do que deveria ser um autêntico governo do povo.

Já Tocqueville afirmava — e com alguma razão — : — "O princípio da soberania do povo, que quase sempre se encontra no fundo de todas as instituições humanas, tem permanecido normalmente como sepultado". Por outras palavras, o povo nunca mandou, ainda que isso algumas vezes se tenha imaginado. Até agora, o seu destino tem sido sempre obedecer e ser governado. A chamada "volonté générale", apenas tem existido nas páginas das constituições e nos tratados teóricos e nunca passou, efectivamente, de uma construção jurídica.

O povo nunca fez outra coisa que não fora trabalhar, e mesmo quando o suspende para sair para a rua gritar uma reivindicação ou mesmo fazer uma revolução, foi quase sempre, para voltar, momentos depois, aos seus afazeres normais e confiar os assuntos públicos aos políticos profissionais. Portanto, muito engana o povo quando diz, para o adular, que ele é soberano e que é ele quem governa. E quando os políticos dizem: "Em nome do povo..." já se sabe que é mentira.

O poder político está, nas democracias, tão mal repartido como o poder económico. Se fosse possível medir o poder político com números e estatísticas, como a propriedade, facilmente concluiríamos que nas democracias existe também não só muita injustiça "material" como imensa injustica "política".

O único poder que o povo efectivamente tem, é o de dizer que "não" de quando em quando. Mas o verdadeiro poder só Pode conceber-se como poder substantivo e tem de incluir a Possibilidade de se traduzir em acção criadora. Todavia, nas democracias, como se verifica, o povo é sujeito passivo. Pode queixar-se, protestar, declarar-se em greve, ingressar num partido e exigir uma informação esclarecida, sem condicionalismos nem obnubulações. Embora dentro dos partidos não seja grande a sua influência, ele pode derrubar com o seu voto os outros partidos e os políticos que lhes desagrade. O que dificilmente poderá fazer é "suprir" esses políticos e partidos e governar ele próprio.

E o que sucede na política passa-se igualmente com as direcções dos clubes de futebol. Os sócios só servem, geralmente, para votar as direcções que mais lhe agradam fazer barulho contra o adversário e apoiar os seus favoritos.

O eixo normal das democracias é o parlamento e este não representa em geral, os interesses do povo. Já Gorki dizia: — "Nos países burgueses, as leis são feitas nos parlamentos e servem apenas para consolidar o poder das classes dirigentes".

Na verdade, é o Parlamento quem elabora e dita as leis — pelo menos, deve fazê-lo — a política fiscal, a política da Educação, as normas de trabalho, as reformas sociais, etc. Mas quem ocupa as cadeiras do Parlamento? Por acaso os homens do Povo? Evidentemente que não. Serão então, os industriais, os banqueiros e os grandes accionistas? Também não. A grande burguesia está demasiadamente absorvida com os seus negócios e não tem tempo para se ocupar directamente dos assuntos públicos. Pas eles têm os seus "colaboradores". E quem são eles? Será preciso dizê-lo? Sempre os políticos profissionais que graças à sua qualificação profissional — advogados, académicos, peritos, intelectuais — que conseguiram escalar as rampas dos partidos e monopolizar o poder público.

Seja como for, mesmo com todos os defeitos que apontem à democracia, grande coisa ela é como governo dos povos, pois sem ela não teríamos conhecimento de casos como os dos irmãos Littlejohn, na Inglaterra e agora, também na velha Albion da especulação de terrenos pela secretaria do senhor Wilson!... E seria isto possível, na Rússia, na Grécia dos coronéis, na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini? Supomos que não.

HUMBERTO LOPES

ASSIM SE FAZ A HISTÓRIA JÂNIO QUADROS: "SALAZAR IMAGINAVA-SE ETERNO"



Numa das suas últimas edicões, a revista brasileira "Manchete" entrevistou o antigo presidente do Brasil Jânio Quadros a propósito da revolução de 25 de Abril.

O artigo daquela revista é o

"O ex-presidente Jânio Quadros, durante os poucos meses em que excerceu o seu mandato, deu um novo impulso à política externa brasileira. Dentro deste contexto, foi o responsável pela politica de aproximação mais estreita entre o Brasil e o continente africano. Em entrevista a MANCHETE, ele dá o seu depoimento sobre a situação das colónias portuguesas, por ocasião da mudança de regime em Lisboa. Começa por dizer:

"Os festejos da vitória democrática em Portugal

navalesco. Eu tenho medo da quarta-feira de cinzas". Parece pessimista. Mas logo a seguir abre-se: "Acompanho com júbilo e apreensão o golpe de Estado de Lisboa. O meio século, ou quase, da era salazarista é de um obscurantismo total. Não se deve falar mal dos mortos, mas porque exaltá-los mentirosamente?" Jânio recorda o seu primeiro contacto com Salazar, quando passou pela Europa como presidente eleito:

"Tranquei-me com ele no salão de um convento. Propus a formação de uma confederação 'uso-brasileira: com a solidariedade do Brasil, Portugal começaria por liberar as suas colónias. Salazar irritou-se.

E atalhou: "Portugal não tem colónias, presidente Jânio. Estas provincias não constituem problemas para nós. Porque a África

Jânio insistiu. De qualquer maneira, seria melhor política pensar numa África adulta.

E confessou com amargura: "Mas tudo em vão. Salazar, que se imaginava eterno - essa a falácia dos ditadores! - acreditava na dominação eterna. Além disso, Portugal não tinha colónias. Tinhas provincias representadas em Lisboa".

O ex-presidente traça um perfil de Salazar:

"Não passava de um bom tesoureiro. Acabou edificando o Governo rico de um povo pobre, limitado a fornecer mão-de-obra barata para uma Europa cara. Na faina de amealhar, sujeitou Portugal às nações industriais e manteve as colónias como vastas feitorias primitivas. Jamais acreditou na Africa

Janio relembra que enviou o embaixador Negrão de Lima, após consultar o ministro Afonso Arinos, em viagem de observação à África portuguesa, apesar do protesto do embaixador de Lisboa em Brasília, que considerava a viagem como intromissão indevida nas provincias de Portugal. O relatório de Negrão ratificou plenamente as apreensões do presidente. Passa depois aosepisódio do navio Santa Maria, sequestrado pelos companheiros do capitão Henrique Galvão:

"Quando dei asilo aos sequestradores, Salazar pareceu esquecer que o Brasil era soberano. Tive que fazer-lhe ver que o meu Governo era dono das suas decisões. Telegrafei a Salazar do alto-mar, quando soube da morte do general Delgado, trocidado a pauladas, com a brasileira que o acompanhava. Assinei presidente". Salazar recebeu o telegrama. Quando o navio em que eu viajava atracou em Lisboa, a PIDE invadiu-o e interditou-o. Esse o homem e o rancor que o animava".

E o ex-presidente conclui: "O pronto reconhecimento de Spinola pelo Brasil tem alto significado. A obra de construção com que se defronta Portugal é das mais ingentes do século. Derrama-se por dois continentes. E nossa também. Se esta obra for impossibilitada, Salazar poderá ressurgir. Em qualquer dos extremos'

"DEPOI

MARCILLO

RIO DE JAME - (Por Michael Arkus antigo chefe do no português deposto a 15 de Abril, Brasil, que em l'accidal nunca ninguêm foi ser paias suas ideias mas apetias por actos cometidos. Faz o siegio da PI-DE/DGS, que liqui contra a subversão na rópole e no .ficiência e Ultramar, co entusiasmo.

Referindo-sa problema da tortura, Marcello Caetano afirma ter ordenado inquéritos que nuca provaram qualquer dessas acusações e ocrescenta: "A regularidade com que chegavam à Presidência do Concelho, cartas com queixas sobre torturas e uma certa uniformidade nas acusações e no estilo mostravam tracer-se de um movimento orquestrado.

'Não posso garantir que no tratamento dos detidos nunca tenha havido algo de menos correcto, mas não conheço nenhuma politim no mundo que esteja isenta de pecado.

Veremos com o tempo se o novo regime pode dispensar este tipo de polícia e se a sua actuação será melhor.

No seu livro de 300 páginas, a que chama 'Depoimento', Marcello Caetano refere-se desenvolvidamente aos problemas africanos mas não entra em pormenores, sobre o Movimento das Forças Armadas, que o derrubou.

O antigo primeiro-ministro revela que teria preferido assistir a uma derrota militar das Forças Armadas portuguesas na Guiné, do que se terem negociações com o PAIGC. Essa declaração feita ao general Spinola chocou o então governador e comandante supremo da Guiné, que tinha ido a Lisboa apresentar ao Governo a sugestão de um cessar-fogo com guerrilheiros, depois de se ter avistado no Sul do Senegal, com o presidente Leopold Senahor.

A SE FAZ A HISTÓRIA ASSIM S

CAETANO REVELA QUE SE DEMITIU EM FEVEREIRO ULTIMO POR DIVERGENCIAS COM OS MILITARES

Para justificar a sua política de autonomia progressiva, Marcello Caetano escreve que no caso da Guiné, onde não existe uma população branca numerosa, a descolonização seria simples, se Portugal apenas tivesse que resolver o caso da Guiné...

Não podíamos aceitar para a Guiné, principios e soluções que eram inaceitáveis para as outras provincias.

Foi essa preocupação que o levou a rejeitar a proposta apresentada pelo general Spinola, sobre um acordo de cessar-fogo na Guiné, seguido de uma solução política do conflito, com a participação de africanos no Governo.

Fiz então uma afirmação chocante para o general:

"Para a defesa global das Provincias Ultramarinas é preferivel sair da Guiné com uma derrota militar, com honra, do que através de um acordo negociado com terroristas, o qual abriria o caminho a outras negociações".

Num outro ponto do livro, referindo-se aos massacres de Wiryamu, denunciados por missionários na Imprensa estrangeira, Marcello Caetano diz que o inquérito oficial por ele ordenado, não confirmou as alegações então feitas a esse respeito e ataca o Núncio Lisboa, de Apostólico Monsenhor Sensi, acusando-o de ter uma lamentável tendência para interferir na política interna portuguesa.

Sobre o general Spinola, o

antigo primeiro-ministro diz que quando ele foi nomeado vicechefe do Estado-Maior, em 1973, ficou aborrecido com o facto da cerimónia não ter sido transmitida pela Televisão e ainda por não se encontrarem presentes oficiais jovens.

Acrescenta que quando finalmente foi publicado o livro do general, "Portugal e o Futuro", ele refletia a intenção de um golpe de estado, uma vez que as posições, ali defendidas eram muito diferentes da política oficial do Governo.

Caetano revela que em Fevereiro deste ano apresentou a sua demissão por causa de divergências que tinham surgido com os militares, mas o presidente Thomaz não aceitou o pe-

O antigo chefe do Governo mostra-se particularmente ressentido, pela forma como no dia 26 de Abril foi transferido para a Madeira sem cerimónia.

"No carro até ao aeroporto eu tive a nitida sensação de que seria abatido ao mínimo gesto suspeito da minha parte"

No avião onde viajaram também o ex-presidente Thomaz. e depois outros membros do Governo deposto, quatro páraquedistas sentaram-se no banco da frente e mais quatro atrás "todos eles armados e equipados, sem largarem as armas por um momento". O comandante da escolta, que acompanhava um almirante e três pessoas que até ali tinham desempenhado altos cargos, foi um sargente de pára-quedistas.

Mário Soares "Queremos uma sucessão pacífica e ordenada"

Se o povo quiser independência, estamos prontos para aceitá-la.' Assim-falou Mário Soares, o socialista, ministro das Relações Exteriores de Portugal, numa entrevista concedida na semana passada a Martha de la Cal, de Time. Sentado num salão primorosamente decorado do Palácio das Necessidades, construido no século XVIII, Mário Soares discutiu alguns dos problemas enfrentados pelo governo militar de Portugal para desvencilhar-se de seus antigos territórios africanos. Entre outras coisas, ele disse:

OBJETIVOS DO GOVERNO. "Queremos uma sucessão pacífica e ordenada. Não queremos levar a África à guerra civil e ao caos.'

CESSAÇÃO DO FOGO. "O primeiro passo no diálogo deve conduzir à cessação do fogo. Parece imoral negociarmos numa atmosfera de cordialidade e franqueza, como a que tem caracterizado nossos encontros, enquanto africanos e portugueses continuam a se guerrear. Isso foi uma coisa que já alcançamos na Guiné mas. infelizmente, ainda não conseguimos em Moçambique. Tanto a Paigc (da Guiné) como a Frelimo (de Moçambique) estabeleceram certas condições de natureza política. Eles consideram a cessação do fogo um passo político e, portanto, querem que chequemos primeiro a um acordo."

A SOLUÇÃO FINAL. "Insistimos em que seja consultada a população. Queremos a realização de um referendo e a aplicação do princípio de autodeterminação. O movimento de libertação sustenta, porém, que a autodeterminação é um fato justificado por 10 a 13 anos de lutas." Até certo ponto, Mário Soares concorda com isso: "Sem o apoio popular, tal luta teria sido impossível." Mas não aceita todos os seus argumentos: 'Eu sou um democrata e um realista. Não existe ali, em qualquer lugar, uma organização política que verdadeiramente

represente a população." Em qualquer referendo, diz ele, estamos preparados para aceitar o controle e a inspeção internacional de uma organização como as Nações Unidas'

OS COLONIZADORES: "Não vejo razão para alarma por parte da população branca de Moçambique sobre a possibilidade de retorno em massa para a Europa, em momento de pânico. Sei que o pessoal da Frelimo, constituído por homens responsáveis, com plena consciência do papel que estão desempenhando, tomará a si a

Soares na mesa de conferência com representantes da Paigc.



salvaguarda dos legítimos direitos da população branca. Eles pensam que, no futuro, váo necessitar da cooperação técnica e econômica dessa parte da população.

O PERIGO DE UMA NOVA RODÉSIA. "Sim, há o perigo de que os brancos pensem em estabelecer um governo branco, do tipo rodesiano. Esse perigo diminuiu, ultimamente, mas não pode ser ignorado. Há ali uma população que adquiriu seus direitos com dificuldade e, algumas vezes, abusou desses direitos. Esses acharáo difícil se resignarem a uma nova situação histórica. Foi que, aliás, ocorreu em toda a África. E nós não somos exceção."

RELAÇÕES ENTRE A JUNTA E O GOVERNO PROVISÓRIO. "Nas negociações em que tomei parte agi em nome do governo, como um todo, e não em nome do meu ministério, ou do meu partido. Suponho que a Junta Militar está de acordo. Não tenho contato especial com seus membros, mas acredito que eles estão de acordo." Contudo, se parecer que os chefes militares desejam que passe a defender princípios diferentes, Mário Soares acredita que tanto ele como seu partido deixariam de apoiar a Junta: "A posição dos socialistas é radicalmente anticolonialista. Não poderiam contar conosco para desenvolver uma política contrária aos nossos ideiais." (Time)

"DO YOU SPEAK ENGLISH"?

Anúncio num jornal de Lisboa: "Jovens senhoras. Precisam-se para trabalhar em "Boite" de luxo, entre os 21 e 25 anos, em "Boite" a maugurar brevemente com conhecimentos de Inglês. Vencimento entre 6.000\$00 e 9.000\$00. Horário das 20 às 3.30 horas. Resposta..."

* * *

Não vão faltar concorrentes. As "boutiques" de álcool prometem futuros risonhos. E depois, há sempre um outro futuro, em Luanda. porque não sei se sabem, mal elas aprendem a servir as bebidas e a sorrir com deleite, há inevitavelmente uma proposta para a Africa, onde, ao que me informam, crescem bares como cogumelos. Há dias, encontrei uma dessas minhas primas, que me disse: "Sabes, vou depois de amanhã para Angola. Vou empregarme". Perguntei-lhe em què e, a armar em inocente, mentiu: "Vou para casa de um casal amigo, muito simpático". Quis saber se ia tratar dos meninos, porque criada para todo o serviço não a via com aquelas pestanas postiças, minisaia e o resto. Que não, que o dono da casa tinha uma loja muito bonita que fazia muito dinheiro, etc.. Perguntei ainda: "Com muitas garrafas?" Hesitou e por fim disse: "Pois"

A esta hora já atrevessou o equador e pastante desenvolta, sem necessidade de apertar o cinto de segurança e muito menos o de castidade, numa região onde há ventos ferozes e pocos de ar que são um susto para quem anda de avião. Mas ela foi sempre bastante desembaraçada e apertar e a desapertar cintos, botões ou fechos "éclair", tanto faz, o necessário é ter treino e lá aprendizagem garanto que não lhe falta. Bonita, riso alegre, alta, descontraída, sempre à vontade e com uma linguagem aberta de "eh pá", fora outras influências de calão perfeitamente aceitável, direi mesmo de sociedade e porque não de "cocktail party" de embaixada?

Em todo o caso esta minha prima não poderia responder ao anúncio porque de falar inglês só sabe dizer "gin tonic", whisky" e "on the rocks". Em Luanda estou certo que enriquecerá o vocabulário com importações da Africa do Sul. E se saltar para Lourenço Marques e decidir escrever um diário, pora K.O., Katherine Mansfield. A convivência dos bares sempre enriqueceu a literatura e se não acreditam ponham os olhos em Hemingway. Quanto mais bebia, melhor escrevia. Mas estou a desviar-me do que queria dizer e é bem simples.

COM ÁGUA LISA OU COM PICOS?

Antigamente elas iam para "manicures" e se eram efectivamente insinuantes e cuidadosas no cortar das peles, enquanto conversavam com o cliente (meigas que elas eram, nas conversas! Exemplo: "Então está melhorzinho da constipação? Ainda bem. A semana passada vinha muito atacado. Tomou aquelas gotas para o nariz? Eu não lhe dizia? É remédio santo. Agora quero esta mãozinha muito quieta. Isso. Já viu a fita do Condes? Fartei-me de chorar. Então ainda não percebeu que sou uma sentimental? Traz uma linda gravata. A si tudo lhe fica bem. Saío às sete. Combinado. Dê-me a outra mãozinha querido".)

Mas os homens arranjam cada vez menos as unhas e até já perceberam que, nelas, o verniz, actualmente, só para a construção civil e da próspera. Por isso se observa uma certa crise na classe das "manicures". E calistas há muito menos. Que havia então uma rapariga de fazer quando já não tinha horizonte no andar para cá e para lá do "polissoir" sobre o dedo meiguinho e o fura-bolos? Seguia para os bares. Houve uma época, a das pioneiras, em que elas (bem valentes, por sinal!) não iam para empregadas, mas sim para se sentarem com os fregueses, beber e conversar com eles, ouvir umas asneiras, dizer outras, achar muita graca a qualquer baboseira, enfim, cabritices que não faziam mal a ninguém e animavam o ambiente. Ainda há umas sobrevivências, mas para se aquentarem nas canetas elas têm de ser muito ágeis, sobretudo galhofeiras, a fumar "king size" e a entornar copos no ritmo que o Angelo Pereira lhes ensinou. Para quem o conhece, direi que o Angelo Pereira foi o rei dos melhores bares de Lisboa e que das suas mãos saiu uma geração doutros "barmen" de alta qualificação. O seu York Bar, na Rua Serpa Pinto, foi a primeira universidade do "Bebe e não te rales que amanhã é outro dia" em que todos os alunos caprichavam em não faltar às aulas e ficavam aprovados com distinção. Depois o prof. Angelo reformou-se, vendeu a casa e muitos de nós ficaram desamparados. Mas eu estava a falar da "manicure" evoluída dos anos 40.

A evolução foi essa: ir para os bares a fazer companhia aos homens tristemente desamparados. Encontrou-se há cinco anos, se tanto, na terceira fase: a da empregada isto é atrás do balcão ou mesmo na sala, a servir, a perguntar se com água lisa ou com picos, se com gelo ou sem ele. Por se encontrarem ainda no período de adaptação, algumas ainda vestem mal e parecem sopeiras encadernadas para passeios de domingo no parque Eduardo VII. Mas dêem

tempo ao tempo, que sei doutras que já luxam bem e não se importam de mostrar o que as mãezinhas lhes ensinaram que mostrassem. ("Mostra, filha, mostra que è no mostrar que está o ganho", Coisas assim e que, na realidade não têm a menor importância, levando em linha de conta, è claro que Lisboa não è Balibónia. Isso è que era bom!).

OS CASACOS DE LEOPARDO

Quando elas são bonitas ou apetitosas, os proprietários dos estabelecimentos em que trabalham correm o risco constante de vê-las desaparecer rapidamente. È que chegou um freguês e catrapuz! Leva a Licas que desaparece sem aviso prévio. Reaparece é certo, um més depois e de duas maneiras: como cliente e envolta num casaco de vison de plàstico, a provar que subiu no guarda-roupa. ou a pedir que a readmitam. A dar-se a segunda hipótese, aceitam-na sempre, porque vocês sabem lá a falta que há de Licas! (Luanda é um sorvedouro, digo-vos eul)Terão elas coração? Naturalmente que têm e bem largos. Neles acolhem, de preferência rapazes de ralis e mocos forcados. Uma especie de tara, dizem, mas eu desconfio que é por causa das patilhas ou matações em que eles capricham. Se vocês soubessem como elas andaram agitadas durante o último rali da TAP! Algumas traziam um auscultador minúsculo de transistor metido na orelha, a ouvir o noticiário da rádio, para saber se os seus queridos iam à frente ou atràs. E de umas para as outras diziam, alvoraçadas: "Olha, o meu vai em sétimo. Nada mau. Do teu não falaram (mazinha...). E a outra: "Não te incomodes que ele ainda não comecou a ultrapassar. Depois vais ver, pá. Quando ele desata a meter duplas, nem queiras saber, pá! Horas bem agradáveis se passam nestes bares! E o que se diz e o que se ouve é sempre um contributo precioso para o brilho da civilização ocidental.

De maneira que as meninas não deixem de responder ao anúncio da "boite" de luxo. Não dêem grande importância à exigência do inglês. Pratiquem o "I love you" e chega. Ou julgam que o dono da casa vos vai pedir recitativos da vibora da "lay Macbeth"? Tomara ele saber contar uma anedota do Bocage, quanto mais Shakespeare! E não esqueçam que hà Luanda.

lde, ide, e que a sorte vos acompanhe. E, depois, por lá, os casacos de leopardo sempre devem ser mais baratos.

FRANCISCO MATA

(De "O Século")

UM MOMENTO PERFEITO

Em algum ponto do caminho entre o "princípio" e o "fim" há para toda a alma humana um momento perfeito. Talvez haja mais de um. Mas em geral ela é ocupada demais, jovem demais. adulta ou complicada demais, ou qualquer outra coisa demasiada, para reconhecê-lo, admirá-lo. captá-lo. E o momento perfeito perde-se. Tive consciência da sua existência quando uma destas noites acordei, o luar batendo-me nos olhos com tal intensidade que a voz de Deus não poderia ser mais bela. Não se ouvia o mais leve ruído. O ar estava suave e carregado da fragância das madressilvas à mistura com o calmo e penetrante odor a mofo de uma selva milenária apodrecida. Todos estávamos acordados. O campo estava completamente silencioso e adormecido; ardia lume em todos os corações. O luar era prata líquida como se milhares de termómetros derramassem o mercúrio obliquamente, tão brilhante que se via os contornos de uma mata infunda a mais de um quilómetro de distância. As estrelas estavam pálidas e distantes. De quando em vez o luar batia sobre uma folha do mochito, acidentalmente nascido no topo do morro, e era acolhido numa gota de cacimbo, como uma pequena centelha viva. As espinheiras estavam adornadas de colares destes diamantes e o capim se adoçava com a humidade. Nós sabíamos que na mata escura havia movimento e som entre as coisas selvagens — os esquilos, os macacos, os ouriços que circulavam no seu mundo próprio. Enquanto isso no morro claro e nas pequenas chanas as coisas cresciam. E a nossa terra? Oh sim, na mesma. Não tardaria que as flores dos pés de fruta perdessem as pétalas, numa queda de neve rosa e branca, e em seu lugar apareciam os frutos novos. A moita das ameixeiras se encheria de ameixas, redondas e brilhantes como pequenas lanternas, adoçadas pelo sol e refrescadas pela chuva. Em outro campo os pés de milho irão subindo de polegada em polegada. Daí a pouco os melões pontilhariam as latadas onde agor a se verão flores chatas rfazendo o néctar para a investida das abelhas na manhã seguinte.

No meio daquele grande silêncio fecundo, que parecia infinito, processava-se invisível e inaudível o milagre da vida. O movimento das estrelas, dos planetas, dos mundos inúmeros era todo governado e contido na segurança da mão omnipotente e a um tempo suave do Criador. No alto de uma árvore um tordo prorrompeu em canto, empoleirado numa estrela que parecia pendente de um galho. Era como se precisasse exprimir a alegria que lhe transbordava o coração. As notas eram de Ouro, soltas, claras e líquidas como o luar, subindo, descendo, desmanchando-se em doçura. Eram tão suaves por vezes que mal se ouviam; depois o canto se abria num profundo extático. E de repente, como principiara, o concerto terminou e a noite se tornou de novo silenciosa e prateada.

Na guerra estes homens nem sempre analisam os seus pensamentos, imensos e difíceis; talvez não tenham sequer consciência de que estão cercados pelo infinito. Mas vêm uma estrela empalideceida num galho de uma árvore e conhecem o êxtase em toda a sua pureza. Ouvem um tordo a cantar à luz da lua e sentem-se invadidos por uma alegria e uma tristeza sem palavras. Não sentem uns braços em volta, apenas o bater de outros corações irmãos e o frio contacto do aço das armas, que os traz à realidade, à cama de pedra e capim sob um pano de lona.

O estuante processo da vida, o movimento de mundos e o fluxo de marés, podem ser incompreensíveis a nós, Homens, sem telhado nem certeza. Mas ainda assim podemos ter uma

estranha noção de que espiamos por uma porta aberta e conhecemos um momento perfeito.

ALBERTO ALMEIDA Fur. Mil.º "COMANDO"



automóveis de aluguer sem condutor

Caixa Postal, 680

Largo D. Fernando, 1-2 Telefones 22722 3-23312 LUANDA - Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L. ARMAZENISTAS

IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

Caixa Postal, 119 Telefone 2 32 34 Telegramas: CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda, 34-36 LUANDA-ANGOLA

ANGOLA E A JUVENTUDE

Um dos mais graves problemas, com que sem sombras de dividas se vai debater a nossa Angola, sera, certamente, o da promoção social e politização de vastas camadas da população já que, para se poder tomár uma opção válida e preciso responder a um mínimo de condições que tornem o individuo capaz de saber distinguir entre o que lhe convém e a sua terra e quilo que ardilosamente e o desejo e conveniência de outros.

Numa palavra; saber escutar tudo quanto lhe possam dizer e ser capaz de, por livre expontanea vontade desejo, decidir, honestamente, aquilo que entende que mais lhe convem e à comunidade.

So assim, livre, esclarecido e consciente, o individuo pode, na realidade, validamente fazer opções.

Vastas massas, incapacitadas por diversas razões e motivos, facilmente influenciaveis por demagogias podem até, escolher inconscientemente o caminho que as levara ao suicidio futuro.

A consciencialização, mentalização e polítização de um povo como o nosso e tarefa árdua, difícil e morosa. Não se mudam séculos num dia e a democracia, tão ansiada, servirá ápenas de degratu ao estabelecimento de nova dir tadura onde ápenas mudarão os metodos e as pessoas.

De resto o leque dos países no nosso continente é bem indicativo e elucidativo do que dizemos: ditaduras por toda a parte, com este ou aquele rotulo, mas sempre ditaduras

Cabera todos os capazes, na nossa terra uma tarela rigantesca apromova, instruir, esclarecas, politizar. De coração aberto e com sinceridade, não no trabalho de captação de partido, mas com a intenção de cima de udo se trabalha, para lazer democraticamente Homens lavies.

Para isso nada melhor que a Juventide A Juventide sem prisoes ao passado e sem protecas ao futuro, is nela que confiamos e e dela que esperamos a maior quota parte do trabalho que e necessario, realizar se na realidade, que remos uma Angola democrática con angolanos verdadeiramenta livras, felizes e a pazas.

Jem pois a nosso ver principalmente esses milhates de jovens es udantes da nossa Universidade um plavera que certamente se não vião fintar, soma aplicateão integral dos tempos livres, das moldares do compolándo tivo a lazer dele um verdadeno Homense Adadas e da Nossa Terra uma terra de Par e Palisonada.

Confiamos na Inventuce. Sengue confiamos de Juventudes e Apenes esperaños que da encembros e obra de la lacación de la compose con los de la compose della compose de la compose del la compose de la

So assimusera democraci

THE PERON THE PROPERTY OF

ne cercam a cidade de Lisboa. A não obediência a este aviso oderá provocar um inútil derramamento de sangue cuja resonsabilidade lhes será inteiramente atribuída. Deverão, or conseguinte, conservar-se dentro dos seus quartéis até inceberam ordens do Movimento das Forças Armadas. Os omandos das Forças Armadas e policiais serão severamente isponsabilizados caso incitem os seus subordinados à luta mada.»

TERREIRO DO PAÇO

Desde o início do desencadear das operações, o Terreiro do aço foi um dos principais pontos de convergência de tropas, poiadas por carros blindados. Era do conhecimento dos principais por das Forças Armadas que nas instações do Ministério do Exército se encontravam, já há alguas horas, elementos do Governo de Marcello Caetano, irectamente ligados ao Exército. Foram tomadas posições tratégicas por forças da Escola Prática de Cavalaria, de antarém, e de Cavalaria 7, de Lisboa.

Quando as primeiras vagas de gente de Almada, Cacilhas, arreiro e Montijo sairam dos barcos que as traziam da utra Banda, depararam com um espectáculo verdadeiramente édito. A zona ocupada pelos militares encontrava-se cerida à passagem de toda aquela gente que acabou por volto para suas casas.

Um dos factos que melhor ilustram os acontecimentos vericados no Terreiro do Paço foi descrito no «Expresso». Um porter deste semanário relata um encontro entre oficiais das rças do Movimento e dos efectivos fiéis ao governo fascista:

*08.45 horas do dia 25 de Abril de 1974 – Uma coluna de lavalaria 7, comandada pelo Brigadeiro Reis, 2.º comandante o Governo Militar de Lisboa, estaciona na Rua da Ribeira as Naus a cerca de 100 metros dos efectivos do Movimento as Forças Armadas, estacionados no Terreiro do Paço.

Compõem aquela força alguns camiões com soldados e BR com canhões de 9,5 cm e dois carros de combate. Acomanham-no o Coronel Romeiras Júnior, comandante do uartel a que pertence a coluna, e um oficial da mesma nidade, o Major Pato Anselmo.

08.55 horas — O Capitão Maia, que comanda os esquadrões evoltosos da Escola Prática de Cavalaria, no Terreiro do Paço, a que já se lhe juntaram duas colunas da unidade que se nes opõe, encarrega um seu subalterno de ir parlamentar om o Brigadeiro Reis.

Um repórter do «Expresso» é autorizado a assístir às egociações que se não iniciam em virtude de um movimento ofensivo de metade das forças fiéis ao Governo.

Os carros aproximam-se até cerca de 40 metros do Largo Município onde está a primeira linha de carros da E.P.C.

09.05 horas – Depois de breves conversações é mandado vançar de novo um oficial para parlamentar com o Brigadeiro eis. Desta vez é o Tenente Correia Assunção, da E.P.C., que arte com a certeza da rendição dos ministros sitiados pelas reças a que pertence.

Com ele avança o mesmo repórter do mesmo jornal.

09.10 horas – Ambos param a meio da Rua do Arsenal. A uns 20 metros está o carro com o canhão de 9,5 cm de Cavalaria 7. E nele encontra-se o Coronel Romeiras, a quem o Tenente Assunção pede para chamar o Brigadeiro Reis. Não se entendem. O reporter avança até perto do Coronel Romeiras que não quer que ele aí esteja. Sobre o barulho dos motores ouvem-se os gritos dos interlocutores. O Tenente, desarmado, quer parlamentar em terreno neutro, ou seja, a mejo das duas forças. Nada consegue. Avança até junto do primeiro carro da força oposta. O comandante de Cavalaria 7 diz que não há nada que tratar. Aparece finalmente o Brigadeiro Reis. Congestionado, aos gritos, para que se rendam.

09.20 horas – O Tenente Assunção é obrigado a avançar para dentro da força que ele quer convencer a juntar-se-lhes e é insultado.

Argumenta com o facto de ter ministros prisioneiros, entre os quais o da Defesa. É insultado e agredido. Ele tem a sua calma, a sua coragem, as suas certezas e os ministros em seu poder. Negam-lhe esta situação. Chamam-lhe mentiroso. O Brigadeiro Reis dá-lhe voz de prisão e manda, aos gritos, disparar as peças.

O repórter está ao lado, não acredita, mas ouve a repetição da ordem. Que se não cumpre.

09.30 horas – O «diálogo» de gritos continua; o Tenente tenta tratar de tudo pelo melhor. É difícil reproduzir, passo por passo, tudo o que foi dito. O Brigadeiro afasta-se e pede-nos que o acompanhemos. Não vamos.

O Coronel Romeiras, aqui já calmo, consegue que pela primeira vez se discuta sem gritar. Tentam-se convencer das respectivas razões. Um contacto telefónico não surte efeito. Não se faz a ligação.

09.40 horas – Reaparece o Brigadeiro Reis. O Tenente consegue finalmente que ele o ouça. Nada a fazer. As posições são irredutíveis. O Brigadeiro diz que tem ordem para disparar. O Tenente não cede e declara que não se responsabiliza pelo que possa suceder.

Reis pede desculpa declarando ser «de pai» a sua irritação anterior. O Tenente regressa. O repórter fica. Fala com os dois oficiais fiéis. Já não há gritos. Explica que está ali porque tem por missão informar. E quer saber o que se passa com os ministros. Dizem-lhe que fugiram por um buraco na parede. Aconselham ao repórter que não regresse ao outro lado, que vão disparar.

Os leitores têm que ver o local da fuga pelos olhos do jornalista. E regressa donde veio.

09.50 horas – Os ministros fugiram. Há outras negociações agora na Rua Nova das Naus, com o Brigadeiro Reis e o Major Anselmo. Novamente se excitam os animos.

Fazem-se avançar prisioneiros. Primeiro um, depois outros dois.

O Major Anselmo avança os carros. Alguém diz que «vão disparar». Os carros param. Novas conversações.

09.55 horas – Todos regressam às suas posições. Não se acredita que haja disparos. Há mais de mil civis no enfiamento, junto à estação de Sul e Sueste. Os canhões abandonam a

posição de tiro.

10 horas – O Major Anselmo rende-se. Metade das forças do Brigadeiro Reis mudam de campo. Todos se felicitam no Terreiro do Paço porque não houve tiros.»

Apesar dos dispositivos de vigilância montados pelas forças militares, o ex-ministro do Exército e o seu subsecretário conseguem fugir das instalações do Ministério. Através de um buraco feito na parede de uma das divisões passaram para o Ministério da Marinha e daí escaparam por lugar que se desconhece. Moreira Baptista, ex-ministro do Interior, Silva Cunha, da Defesa, e Henrique Tenreiro saem do Ministério do Interior e tomam lugar numa viatura que segue o caminho da Marginal, perseguida por tropas. Através de informações fornecidas à Imprensa a meio da manhã, o Comando do Movimento das Forças Armadas comunicava que estavam detidos por aquele Movimento os ministros do Exército, do Interior, da Defesa e do Ultramar, o chefe do Estado-Maior do Exército, o Almirante Henrique Tenreiro, o General Silvino Silvério Marques e o Brigadeiro Serrano, que comandou o cerco ao quartel das Caldas da Rainha, no movimento de 16 de Março.

Os bancos e as companhias de seguros não chegaram a abrir as suas portas. O mesmo aconteceu com a quase totalidade dos estabelecimentos comerciais da Baixa que se mantiveram encerrados durante todo o dia.

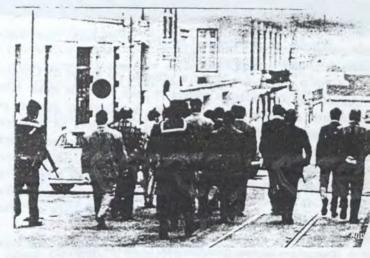
A JORNADA DO CARMO

A partir das 11.30 horas do dia 25 de Abril, o Quartel da G. N. R., no Carmo, surge como o centro das atenções de todo o País. Aí se encontra Marcello Caetano e alguns membros do seu Governo. À chegada, ao largo, de tropas do Movimento, a G. N. R. fecha as portas do quartel e manifesta a intenção de resistência. Uma multidão de populares apoia com incitamentos, a acção das forças militares.

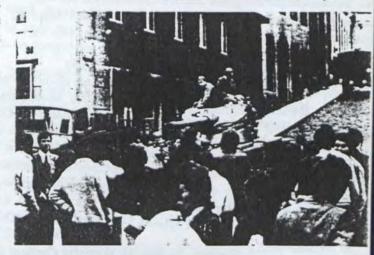
Mais efectivos das forças do Movimento chegam ao Largo do Carmo, vindas do Terreiro do Paço, após uma caminhada triunfante em que a população participou numa impressionante demonstração de apoio aos militares que continuavam implacavelmente a acção desencadeada para a queda do regime fascista. Outras forças presentes no Terreiro do Paço tomaram o rumo da Penha de França e da Rua António Maria Cardoso (sede da P. I. D. E./D. G. S.). Ao mesmo tempo, reforços da G. N. R. atingem a zona do Carmo e tomam posições adversas às forças sitiantes. Uma coluna motorizada toma também lugar no Largo de Camões.

Nos comunicados constantemente difundidos, o Movimento comunicava o domínio da situação em todo o País, à excepção de pequenos focos de resistência em Lisboa. Dava-se a conhecer ainda que tinha sido imposto um prazo de rendição aos sitiados do Carmo que terminaria às 17 horas. Entretanto, registaram-se os primeiros incidentes provocados pela P. I. D. E.//D. G. S., de que resultaram alguns feridos. Uma Companhia Móvel da P. S. P. tenta tomar posições no Chiado, ao lado das forças governamentais.

Enquanto o povo dá largas à sua alegria e entusiasmo no Largo do Carmo e manifesta a sua impaciência pela demora









da rendição de Marcello Caetano, a confusão nas hostes fiéis ao regime torna-se caótica.

Com o correr das horas a situação no Largo do Carmo e nas artérias circundantes tornou-se cada vez mais tensa. Naturalmente a presença do ex-chefe do Governo acabou por funcionar como encorajamento para a tentativa de resistência da G. N. R. Em contrapartida, as forças do Movimento foram ocupando posições estratégicas em viaturas e em edifícios e portais de todas as ruas que dão acesso àquele largo. Numa atitude de expectativa, poderia ver-se numeroso destacamento da G. N. R. no Largo de Camões e também junto ao Teatro da Trindade.

Passavam alguns minutos das 15 horas quando uma rajada de metralhadora atingiu os portões e a fachada do edifício do Quartel da G. N. R. Era o aviso à demora da resposta do novo ultimato enviado pelo Movimento. Mas a capitulação estava para breve.

Por volta das 16 horas chegou ao Largo do Carmo o dr. Feytor Pinto, ex-director dos Serviços de Informação da Secretaria de Estado, juntamente com o dr. Nuno Távora, através do qual se assentaram entre as forças sitiantes do Movimento e Marcello Caetano os termos da capitulação deste e do seu Governo.

O contacto de Feytor Pinto com o ex-chefe do Governo é

assim descrito:

"Ao chegarmos junto do Convento do Carmo, demo-nos conta de que o ambiente era de tensão e muito grave. Falei ao Capitão Maia, que comandava as operações, que logo compreendeu serem prementes os contactos que tentávamos estabelecer e foi notável a tentar arranjar uma solução.

Entrámos no Convento do Carmo. Garantiram-nos a protecção. Não sabíamos o que se ia passar. Ali encontrámos: primeiro o ministro do Interior e depois o Presidente do Conselho. O prof. Marcello Caetano disse-nos ter já recebido um telefonema do secretário de Estado da Informação, que o informara do que se ia passar. Demos-lhe pormenores da proposta do General Spínola e confiou-nos uma mensagem, segundo a qual, para que o Poder não caísse na rua, estava pronto a entregar o Governo ao General Spínola e que o esperava no Quartel do Carmo.»

Segundo Feytor Pinto, o receio de Marcello Caetano seria o de que o Poder caísse na rua e, portanto, «o General Spínola aparecia como o único homem possível para evitar essa situação».

«O prof. Marcello Caetano encarregou-me de transmitir aquela mensagem. Saí do Quartel do Carmo e os que o cercavam deram-me um «jeep» em que atravessei Lisboa até casa do General Spínola. Este, ao receber-nos, respondeu:

«Não, não aceito essa mensagem que é verbal, preciso de uma mensagem escrita.»

Quando tentámos convencê-lo de que a situação era urgente tocou o telefone. Era o Presidente do Conselho. Não assisti à conversação, mas quando o General voltou, disse-nos:

«Falei com ele ao telefone, reconheci-lhe a voz e não preciso de uma carta escrita. Agora, o que preciso é de outra coisa.

Como sabe, não sou chefe do Movimento. Preciso de que me ponha em contacto com alguém responsável, de grau mais alto do que coronel.»

Regressei de novo ao Carmo. O mais graduado ali era um capitão. No entanto, este pôs-se em contacto com os seus chefes e fui à Pontinha falar com eles.

Todos compreenderam e todos queriam uma solução para que não houvesse, sobretudo, um banho de sangue. Quando regressei ao Carmo, já lá se encontrava então o General Spínola, a quem o Presidente do Conselho fez a rendição do seu Governo.»

RENDIÇÃO DE MARCELLO CAETANO

Com efeito, o General António de Spínola chegou ao Largo do Carmo cerca das 18 horas, depois de o Capitão Maia, que comandava as operações, ter anunciado à multidão o desfecho por que todos ansiavam. Populares encheram completamente o largo, alguns subindo para as árvores e muitos tomando lugar nas próprias viaturas militares. A tensão e o nervosismo aumentaram à medida que engrossava a massa humana. Os militares vêem-se em dificuldades para conter o entusiasmo popular. Processa-se no interior do quartel a negociação entre Spínola e Marcello Caetano. Novamente o Capitão Maia garante à população que o Movimento actua em nome da Liberdade e que não se fará justiça pelas próprias mãos. Algum tempo depois é o dr. Sousa Tavares, candidato da C. E. U. D. em 1969, a dirigir-se à multidão, a convite das Forças Armadas, apelando para que todos se comportem civicamente.

Às 19.30 horas consumava-se, finalmente, a rendição incondicional do prof. Marcello Caetano ao General Spínola. O ex-chefe do Governo e as individualidades que o acompanhavam abandonam o Quartel do Carmo, num blindado que ostentava o nome «Bula», completamente escondidos do público. Muitos manifestantes ergueram as vozes, gritando «assassinos!»

Ao fim da tarde, o Almirante Américo Thomaz que se encontrava na sua residência na Rua Almirante Saldanha, ao Restelo, começou a ser contactado telefonicamente com vista à sua partida para o exilio. Sabe-se que foram demoradas as negociações, tendo nelas intervido o prof. Marcello Caetano e o General António de Spínola. Por toda a cidade repetem-se no meio de entusiasmo delirante manifestações de apoio às Forças Armadas, enquanto é dada a conhecer a constituição de uma Junta de Salvação Nacional.

Cerca das 21 horas a multidão dirige-se para a sede da P. I. D. E./D. G. S. Atiradores desta ex-polícia disparam, então sobre os manifestantes, causando quatro mortos e algumas dezenas de feridos. Ambulâncias de várias corporações dirigem-se para a zona. As Forças Armadas anunciam que vão cercar a P. I. D. E./D. G. S. e pedem à população que se mantenha calma. Um agente da D. G. S. que tentava fugir do edificio policial é morto por elementos das Forças Armadas. A D. G. S. resiste também na prisão de Caxias, mas anuncia-se, ao mesmo tempo, que a P. S. P. aderiu totalmente ao Movimento. Às 01.26 horas do dia 26 o General António de Spínola, presidente da Junta de Salvação Nacional, lê, perante as câmaras de T. V., a proclamação do Movimento.

todos os elementos que constituem a Junta de Salvação Na- plenamente em nome da salvação da Pátria e, fazendo uso d cional: General de Cavalaria António Sebastião Ribeiro de força que lhe é conferida pela Nação através dos seus soldados Spinola, antigo governador e comandante-chefe das Forças proclama e compromete-se a garantir a adopção das seguinte Armadas da Guiné (Torre e Espada com palma, condecora- medidas, plataforma que entende necessária para a resolução ção máxima nacional, por feitos militares); General Francisco da grande crise nacional que Portugal atravessa: da Costa Gomes, antigo subsecretário de Estado do Exército, antigo comandante-chefe das Forças Armadas de Angola e (entre outros cargos) chefe do Estado-Maior-General, cargo de que fora recentemente destituído; Capitão-de-Mar-e-Guerra José Baptista Pinheiro de Azevedo, professor da Escola Naval, várias missões em África, oficial do Estado-Maior da Armada, antigo adido naval em Londres e membro da Agência Militar de Normalização (N. A. T. O.); Capitão-de-Fragata António Alva Rosa Coutinho, antigo director provincial dos Serviços de Marinha de Moçambique; Brigadeiro Jaime Silvério Marques, antigo governador de Macau, comissário em assuntos relativos à Agência N. A. T. O. e várias vezes investido de altas funções em serviços de carácter técnico-militar; General da Aeronáutica Diogo Neto, antigo comandante da Zona Aérea de Cabo Verde e Guiné, frequentou vários cursos no estrangeiro e chefiou o Estado-Maior da 3.ª Região Aérea; e o Coronel da Aeronáutica Carlos Galvão de Melo, na situação de reserva e que foi Comandante da Base Aérea 5, em Monte Real.

Pelas sete da manhã, do dia 26 de Abril, o Tenente-Coronel João de Almeida Bruno, que estava preso desde o dia 16 de Março e fora libertado no próprio dia 25 de Abril, entrou em casa do Almirante Américo Thomaz, pedindo-lhe que o acompanhasse ao aeroporto. Faltavam poucos minutos para as 08.00 horas quando um avião militar partia rumo ao Funchal, transportando o antigo Chefe do Estado, o prof. Marcello Caetano e os drs. Silva Cunha e Moreira Baptista.

PROGRAMA DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

programa do Movimento das Forças Armadas é o principal documento do processo em curso. É por ele que a Junta de Salvação Nacional orienta a sua acção, é a ele que se referem as tomadas de posição dos diversos agrupamentos políticos, sindicatos e outras associações. Os primeiros decretos constituem os primeiros sinais da efectiva libertação do País, enquanto o decreto de amnistia dos presos políticos é o autêntico acto de reconciliação de todos os portugueses.

"Considerando que, ao fim de treze anos de luta em terras do Ultramar, o sistema político vigente não conseguiu definir, concreta e objectivamente, uma política ultramarina que conduza à paz entre os portugueses de todas as raças e credos:

Considerando que a definição daquela política só é possível com o saneamento da actual política interna e das suas instituições, tornando-as, pela via democrática, indiscutidas representantes do povo português;

Considerando, ainda, que a substituição do seu sistema político vigente terá de processar-se sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar da Nação, o Movimento das Forças Armadas Portuguesas, na profunda convicção de que interpreta as aspirações e interesses da esmagadora

das Forças Armadas. O País toma conhecimento, assim, de maioria do povo português e de que a sua acção se justific

A) MEDIDAS IMEDIATAS

- 1 Exercício do poder político por uma Junta de Salvaçã Nacional até à formação, a curto prazo, de um Governo Provi sório civil. A escolha do presidente e vice-presidente será feit pela própria Junta.
 - 2 A Junta de Salvação Nacional decretará:
- a) A destituição imediata do Presidente da República e d actual Governo, e dissolução da Assembleia Nacional e d Conselho de Estado, medidas que serão acompanhadas d anúncio público da convocação, no prazo de doze meses, d uma Assembleia Nacional Constituinte, eleita por sufrágio un versal directo e secreto, segundo lei eleitoral a elaborar pel futuro Governo Provisório.
- b) A destituição de todos os governadores civis no con nente, governadores dos distritos autónomos nas ilhas adj centes e governadores-gerais nas provincias ultramarinas, be como a extinção imediata da Acção Nacional Popular.
- I Os governos-gerais das provincias ultramarinas ser imediatamente assumidos pelos respectivos secretários-gera investidos nas funções de encarregados do Governo até nome ção do novo governador-geral pelo Governo Provisório.
- II Os assuntos decorrentes dos governos civis serão de pachados pelos respectivos substitutos legais, enquanto n: forem nomeados novos governadores pelo Governo Provisóri
- c) A extinção imediata da D. G. S., Legião Portuguesa organizações políticas de juventude. No Ultramarí a D. G. será reestruturada e saneada, organizando-se como polícia o informação militar enquanto as operações militares o exigirer
- d) A entrega às Forças Armadas dos indivíduos culpado de crime contra a ordem política instaurada, enquanto durar período de vigência da Junta de Salvação Nacional, para instr ção de processo e julgamento.
- e) Medidas que permitam uma vigilância e um «contrôle rigorosos de todas as operações económicas e financeiras co o estrangeiro.
- f) A amnistia imediata de todos os presos políticos, salv os culpados de delitos comuns, os quais serão entregues ao for respectivo, e reintegração voluntária dos servidores do Estac destituídos por motivos políticos.
 - g) A abolição da censura e exame prévio.
- I Reconhecendo-se a necessidade de salvaguardar o s gredo dos aspectos militares e evitar perturbações na opinia pública causadas por agressões ideológicas dos meios mais reac cionários, será criada uma comissão «ad hoc», para «contrôle da Imprensa, Rádio, Televisão e Cinema, de carácter trans tório, directamente dependentes da Junta de Salvação Naciona a qual se manterá em funções até à publicação de novas le de Imprensa, Rádio, Teatro e Cinema, pelo futuro Govern Provisório.

h) Medidas para a reorganização e saneamento das Forças Armadas e Militarizadas, G. N. R., P. S. P., Guarda Fiscal, etc.

i) O «contrôle» de fronteiras será das atribuições das Forças Armadas e Militarizadas, enquanto não for criado um serviço

j) Medidas que conduzam ao combate eficaz contra a corupção e a especulação.

3) MEDIDAS A CURTO PRAZO

1 - No prazo máximo de três semanas após a conquista do Poder, a Junta de Salvação Nacional escolherá de entre os eus membros o que exercerá as funções de Presidente da Repúplica Portuguesa, que manterá poderes semelhantes aos preistos na actual Constituição.

a) Os restantes membros da Junta de Salvação Nacional assumirão as funções de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, chefe do Estado-Maior da Armada, chefe do Estado-Maior do Exército e chefe do Estado-Maior da Força Aérea e farão parte do Conselho de Estado.

2 – Após assumir as suas funções o Presidente da República nomeará o Governo Provisório civil, que será composto por personalidades representativas de grupos e correntes políticas e personalidades independentes que se identifiquem com o pre- em atenção que a sua definição competirá à Nação, orientarsente programa.

3 - Durante o período de excepção do Governo Provisório, imposto pela necessidade histórica de transformação política, mar é política e não militar. manter-se-á a Junta de Salvação Nacional, para salvaguarda dos objectivos aqui proclamados.

a) O período de excepção terminará logo que, de acordo com a nova Constituição política, estejam eleitos o Presidente rina que conduza à paz. da República e a Assembleia Legislativa.

4 - O Governo Provisório governará por decretos-leis que C) CONSIDERAÇÕES FINAIS obedecerão obrigatoriamente ao espírito da presente proclama-

5 - O Governo Provisório, tendo em atenção, que as grandes reformas de fundo só poderão ser adoptadas no âmbito da futura Assembleia Nacional Constituinte, obrigar-se-á a promover imediatamente:

a) A aplicação de medidas que garantam o exercício formal da acção do Governo e o estudo e aplicação de medidas preparatórias de carácter material, económico, social e cultural que garantam o futuro exercício efectivo da liberdade política dos cidadãos.

b) A liberdade de reunião e de associação. Em aplicação deste princípio, será permitida a formação de associações políticas, possíveis embriões de futuros partidos políticos, e garanida a liberdade sindical, de acordo com lei especial que regulara o seu exercício.

c) A liberdade de expressão e pensamento, sob qualquer

d) A promulgação de uma nova lei de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema.

e) Medidas e disposições tendentes a assegurar, a curto prazo, a independência e a dignificação do poder judicial.

 I – A extinção dos tribunais especiais e dignificação do processo penal em todas as suas fases.

II - Os crimes cometidos contra o Estado, no novo regime. serão instruídos por juízes de Direito e julgados em tribunais ordinários, sendo dadas todas as garantias aos arguidos. As averiguações serão cometidas à Polícia Judiciária.

6 - O Governo Provisório lançará os fundamentos de:

a) Uma nova política económica posta ao serviço do Povo Português, em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta excessiva do custo de vida, o que necessariamente implicará uma estratégia antimonopolista.

b) Uma nova política social, que, em todos os domínios. terá essencialmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e aumento progressivo, mas acelerado. da qualidade de vida de todos os portugueses.

7 - O Governo Provisório orientar-se-á, em matéria de política extérna, pelos princípios da independência e da igualdade entre os Estados, da não ingerência nos assuntos internos dos outros países e da defesa da paz, alargando e diversificando relações internacionais, com base na a nizade e cooperação.

a) O Governo Provisório respeitará os compromissos internacionais decorrentes dos tratados em vigor.

8 - A política ultramarina do Governo Provisório, tendo -se-á pelos seguintes princípios:

a) Reconhecimento de que a solução das guerras do ultra-

b) Criação de condições para um debate franco e aberto, a nível nacional, do problema ultramarino.

c) Lançamento dos fundamentos de uma política ultrama-

l - Logo que eleitos pela Nação a Assembleia Nacional Constituinte e o novo Presidente da República, será dissolvida a Junta de Salvação Nacional e a acção das Forças Armadas será restringida à sua missão específica de defesa externa da soberania nacional.

2 - O Movimento das Forças Armadas, convicto de que os princípios e os objectivos aqui proclamados traduzem um compromisso assumido perante o País e são imperativos para servir os superiores interesses da Nação, dirige a todos os portugueses um veemente apelo à participação sincera, esclarecida e decidida na vida pública nacional e exorta-os a garantirem, pelo seu trabalho e convivência pacifica, qualquer que seja a posição social que ocupem, as condições necessárias à definição, em curto prazo, de uma política que conduza à solução dos graves problemas nacionais e à harmonia, progresso e justiça social indispensáveis e à obtenção do lugar a que Portugal tem direito entre as nações.»

IDEÁRIO E REALIDADE

A sobrevivência de uma revolução está sempre dependente do desenvolvimento prático do seu ideário. É a procura do cumprimento, até à exaustão, desse ideário que lhe dá a plena credibilidade junto do povo.

O ideário que presidiu ao Movimento das Forças Armadas tem sido escrupulosamente cumprido, até talvez, mais rapidamente do que seria humano esperar-se: hoje, a liberdae é de facto total e estão salvaguardados todos os direitos fundamentais da pessoa humana.

No entanto - e como foi sublinhado pelo general Costa Gomes, na sua conferência de Imprensa em Luanda -"para cada pessoa, o problema individual é mais importante que o problema colectivo, especialmente quando não se criou, antes, uma condição de diálogo entre todas as pessoas, entre todas as classes". Assim, é perfeitamente compreensivel que, por exemplo, os professores eventuais queiram ver resolvido "o seu" problema, que os sindicalizados queiram ver satisfeitas "as suas" reivindicações, que os funcionários públicos queiram a destituição de determinado chefe de serviço corrupto, etc. Tudo isso não poderá ser feito da noite para o dia, mas são essas pequenas vitórias que creditam insofismavelmente um movimento revolucionário junto do povo.

Num plano um pouco mais elevado,

há os verdadeiros escândalos públicos. do conhecimento geral muito embora uma Informação amordaçada pela Censura jamais os tenha focado. Entre os muitos que poderíamos citar, lembramos, por exemplo, o das novas instalações da Universidade de Luanda. Segundo foi anunciado, o montante das obras a edificar eleva-se a 800.000 contos - verba que, só por si, obrigaria abertura de um concurso internacional -, estando o projecto orcado em 30.000 contos. O projecto foi adjudicado, sem concurso público sequer, à GETUR, firma dominada por João Caetano, filho do Prof. Marcello Caetano. Este é somente um dos muitos casos do género, em que a administração deposta dispunha dos dinheiros públicos a seu belo talante sem prestar a mínima satisfação aos contribuintes.

Por outro lado, dado que o contribuinte se limitava a pagar os impostos sem ter voz activa quanto à sua aplicação, era decidida a aplicação de capitais em obras sumptuárias enquanto que, "por falta de verba", eram sistematicamente proteladas obras de verdadeiro interesse para a comunidade. Nos muceques de Luanda, a água é vendida a cidadãos que vivem de um salário de subsistência, a preços fabulosos; foram construídos balneários exíguos — que nem sequer ainda foram franqueados ao público — que não servirão talvez um décimo da população

a que se destinam; não há esgotos, as condições de vida são ultrajantes. No entanto, foram afectos 35.000 contos à construção do Monumento da Portugalidade — que funcionalmente teria o destino de todos os monumentos: um marco perfeitamente inútil...

Contra tudo isto clama agora o povo, pedindo uma justiça sumária e imediata que, dada a extensão do problema, nunca poderá ser feita tão rapidamente como seri de desejar. No entanto, é um domínio em que devem ser tentados todos os impossíveis para que se alcance o maior número de resultados.

111

Malaparte, na sua "Técnica do Golpe de Estado", define as revoluções como operações perfeitamente matemáticas. Como tal, terão que ser "demonstradas" matematicamente pelos seus mentores, como se de teoremas se tratassem. Enquanto um regime totalitário é perfeitamente axiomático, um regime libertário tem necessidade de uma prova constante, interminável, para que nunca venha a cair uma posição que repudia. É essa prova constante a que é submetido o garante da sua permanente autenticidade.

RICARDO FERREIRA



OS HERÓIS ANÓNIMOS DO CINEMA DE ACÇÃO

Muitas vezes temos admirado, no cinema, esses homens que dão tremendos saltos e caem sobre um montão de caixas. saltam pelo ar dentro de um automóvel que se espatifa contra qualquer coisa, conduzem uma moto através de um incêndio ou morrem no fragor de um combate incrivel. Isso fazem-no os "stuntmen".

Arne Berg é norueguês: dedica-se a esta difícil profissão e. actualmente com outros quatro colegas ingleses, faz uma "tournée" com "O mais perigoso espectáculo do Mundo". Tiveram um grande êxito, e a verdade é que estes indivíduos são dignos de admiração. Porque muitas vezes, quando vemos um James Bond cair por um precipício com um carro destroçado... e sair incólume, pensamos: "Este tipo é um fenómeno!", mas não é James Bond, o Santo, etc.. São os "stuntmen".

Estes profissionais têm que correr, geralmente, todos esses riscos, calculando ao máximo cada perigo e reduzindo ao mínimo a possibilidade de acidente. Arne Berg admite que nunca teve nenhum acidente durante os seus oito anos de profissão. Porém também admite que cada vez que faz essas coisas no cinema ou no espectáculo montado com os seus amigos, se sente angustiado ante a possibilidade de morrer.

Porque o fazem? É porque ganham muito dinheiro? Ou porque existe essa vocação? Como são estes homens que estão por trás de cada acção violenta, do acidente, do caos cinematográfico?

O HOMEM QUE TRABALHA EM SETE FILMES... POR SEMANA

Cristino Almodovar é "stuntman" cinematográfico desde há quinze anos. Madrileno, começou como actor e, no dia em que se meteu em cheio nisto de fazer coisas difíceis, gostou. Gostava do risco. Monta a cavalo, toma parte em combates, conduz carros e motos a grandes velocidades, etc.. Porque tem de saber fazer um grande número de coisas.

-Joga a vida?

—De certo modo, somente. Porque a própria segurança profissional de cada um é a sua salvaguarda. Montar a cavalo, por exemplo, e ainda que não pareça, é um risco enorme, porque cada animal tem um temperamento; uma queda de cavalo é sempre perigosa.

-Que é mais difícil ou perigoso, cair de um cavalo ou

incendiar um automóvel?

-Indubitavelmente, cair do cavalo.

-Como é que os contratam?

Tem de se esperar que o "mestre de armas" — outra especialidade dentro do cinema, isto é o homem que guarda as armas e prepara as "lutas". — são eles os intermediários entre a produtora e nós. São eles quem nos contrata.

Cristino Almodovar já interveio nuns quatrocentos filmes. Há que ter em conta que um "stuntman" pode trabalhar em sete filmes por semana, e às vezes em dois no

mesmo dia.

ACULOS

QUINHENTOS ESCUDOS O METRO

-Ganha muito dinheiro, um profissional?

—Creio que não. Porém. tampouco se pode dizer que está mal pago. Pagam-nos por actuação. Outras vezes, quando se tem de trabalhar muito num filme, faz-se un contrato. A queda de um cavalo, ou "queda livre", mil a mil e quinhentos escudos. Atirar-se de uma encosta, rodando, ou uma "queda de altura" segundo os metros... Se são doze, seis mil escudos. Se é uma acção demorada e contínua — perseguição num automóvel, acidente, incêndio, etc. — é calculado um preço total por toda a acção. Um "stuntman" pode ganhar em cinco minutos três mil escudos ou seis mil tostões. Depende.

Deste modo, ganharia, "por hora", mais do que um actor, porém isso só acontece em teoria, claro.

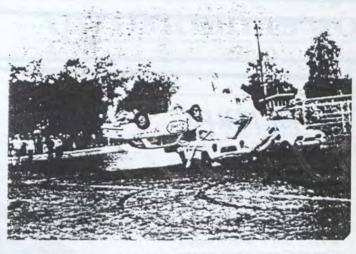
-Supunhamos que corre algum acidente?

 A produtora segura, previamente, os profissionais destas coisas.

E cobramos pelo seguro. Nunca tive acidentes profissionais graves — só a fissura de um braço, rotura de ligamentos, etc. —, mas nunca precisei de ser hospitalizado

-Vocês estão bem conceituados no âmbito cinema-

tográfico?



—Não. So quando necessitam de nós. E é lamentável. Porque fazemos um papel muito importante.

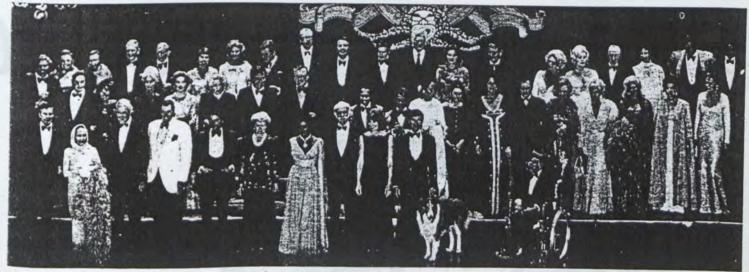
-São então uns profissionais anónimos?

—Totalmente. Não figuramos em nenhum reclame. Porém, agradecemos esta oportunidade — falo também em nome dos meus companheiros — de mostrar esta profissão. Sobretudo, para os que vão ver os filmes de acção e se divertem tanto vendo essas coisas tremendas que fazemos, pensem que esse homem que se atira de um cavalo, ou outra coisa qualquer neste género, é um homem cheio de ilusões e amor pela profissão.

E sem medo do risco: homens para os quais a morte... é

MONTEJANO MONTERO

Um filme nostálgico, maravilhoso QUANDO O LEAO RUGIA



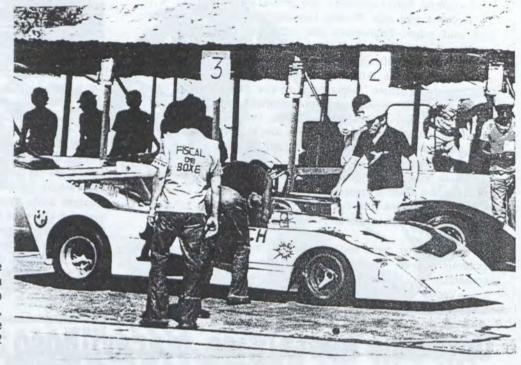
Todos eles, durante anos, viveram sob o rosnar do leão no estúdio que, entre muitos filmes, produziu O Mágico de Oz ou Cantando na Chuva. E, recolhendo este material em seus arquivos, a MGM realizou That's Entertainment!

O filme vai de 1929 à 1958 e, para a festa de lançamento, o leão convocou 50 nomes famosos. Identifiquem: (na frente, a partir da esq.) Craig Stevens, Gloria Swanson, Jimmy Stewart, Johnny Weissmuller, Russ Tamblyn, Audrey Totter, Liz Taylor,

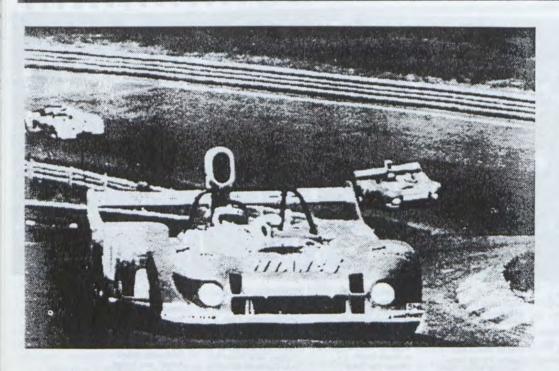
Keenan Wynn, Shirley MacLaine, Roddy McDowall, Lassie e Jimmy Durante. Na segunda fila, Howard Keel, Gene Kelly, Phyllis Kirk, Janet Leigh, Myrna Loy, Marjorie Main, Tony Martin, Dennis Morgan, The Nicolas Brothers. Merle Oberon, Margaret O'Brien, Virginia O'Brien, Donald O'Connor, Donna Reed, Debbie Reynolds, Ginger Rogers, Ann Rutheford e Alexis Smith. Na última fila, June Allyson, Adele Astaire, Fred Astaire, George Burns, Marge Champion, Cyd Charisse, Jackie Cooper, Dan Dailey, Vic Damone, Tom Drake, Buddy Ebsen, Nanette Fabray, Glenn Ford, Eva e Zsa Zsa Cabor, Jack Haley Sr., Ava Gardner, Charlton Heston e George Hamilton. Contando e mostrando

as maravilhas da MGM, que está virtualmente fora do mercado cinematográfico, That's Enfertainment! está sendo distribuído nos EUA pela United Artists, sua antiga rival, chegando também ao Brasil por outra companhia.

NOTICIÁRIO



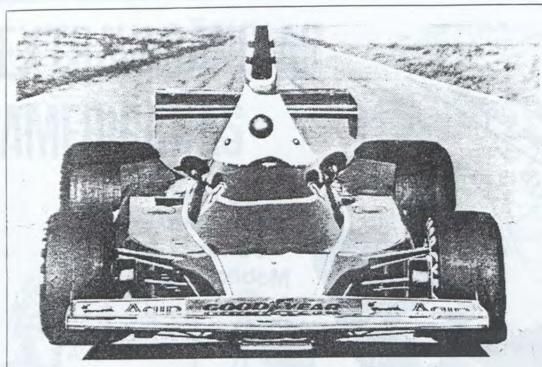
Médico-voador para alguns — o Dr. Mabilio de Albuquerque que serviu neste Centro durante a sua comissão militar, é já líder incontestado do Campeonato de Angola de Velocidade, demonstrando assim, não só a sua categoria de piloto como a superioridade do LOLA-BMW T292 KASTORBOSH, nas pistas de Angola.



CAMPEO

DOMÍNIO ABSOLUTO DA MATRA

AUTOMOBILISMO



FERRARI 312T NOVO FÓRMULA 1

ATO MUNDIAL DE MARCAS

		MONZA	SPA	NURBURGRING	IMOLA	LE MANS	ZELTWEG	W. GLEN	P. RICARD	В. НАТСН	TOTAL ABSOLUT	TOTAL APROVEITÄVEL
10. N	Matra-Simea	-	20	20	20	20	20	20	20	20	160	140
	Gulf-Ford	10	15	10	-	10	10	-	10	12	79	79
30. P	Porsche	8	12	6	8	15	6	15	10	8	88	76
40. A	Alfa-Romeo	20	-	15	15	-	15	-	-	-	65	65
5o. C	Chevron-Ford	1	-	3	2	-	4	-	-	10	20	20
60. L	igier-Maserati	3	-	-	-	3	-	-	4	-	10	10
	errari	-	-	-	-	8	-	-	-	-	8	8
C	Chevrolet	-	-	-	-	-	-	8	-	-	8	8
9c. L	ola-Ford	6	-	-	-	-	-	-	7	1	7	7
10o. N	March	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	3
11os. A	Alpine-Renault	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1
Д	AMS	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1

Enzo Ferrari convocou uma conferência de Imprensa para Modena, a fim de anunciar o seu programa para 1975.

Esta convocação foi um tanto surpeendente, mas depressa se esclare ceu que com e la, o Comendador pretendeu moralizar os seus pilotos e os restantes componentes da equipa, com vista ao Grande Prémio dos Estados Unidos, o qual, como se sabe vai decidir entre Regazzoni e Fittipaldi, o Campeão do Mundo de 1974.

Enzo Ferrari reafirmou a sua intenção de se dedicar particularmente à Fórmula 1, mantendo-se Clay Regazzoni e Nikki Lauda como pilotos da marca.

Não está prevista a contratação de qualquer outro piloto.

Quanto ao Mundial de Marcas, não se sabe ainda se os 312 PB rolarão nas pistas, mas a decisão de concentrar os esforços na Fórmula 1, pode ser impaditiva da actuação dos protótipos.

O Comendador surpeendeu toda a gente com a apresentação do novo Ferrari F1, o qual recebeu a designação 312 T, porquanto dispõe de uma solução original constituida pela transmissão com o conjunto caixa-diferencial colocado em posição transversal e fazendo bloco com o motor. Este continua a ser o 12 cilindros boxer, mas sobre ele foi feito mais um esforço para obtenção de rendimento. Com efeito, o motor debita os mesmos 495 HP, mas agora tem como regime máximo as 12.000 r.p.m., enquanto os motores utilizados este ano iam até às 12.800 r.p.m. Com o trabalho realizado nas cabecas e nos pistões, os técnicos de Maranello conseguiram obter a mesma potência e, ao mesmo tempo, uma maior suavidade de aceleração.

Aerodinamicamente, o 312 T faz lembrar bastante o modelo deste ano, ainda que o "nariz" seja em forma de "cunha", no estilo do primitivo Lotus 76, o qual alias, até já foi abandonado.

No que diz respeito às suspensões, também há novidades à frente e

A disposição dos amortecedores dianteiros faz lembrar a da primeira versão do Ferrari 312 B. Atrás, as soluções são mais clássicas, se bem que os apoios apresentem nova configuração. O 312 T entrará em acção logo que o 312 B3 dê sinais de envelhecimento, isto segundo o próprio Enzo Ferrari.



Com o prego a fundo durante 200 Kms. uma olhadela ao manómetro... Pedeitol Com o novo MOBILOIL SUPER acabaram-se as baixas de pressão.

A sua viscosidade e o seu poder lubrificante mantém-se adaptados a todos os esforços, mesmo prolongados.

Tacão e biqueira a 5.000 r.p.m.numa estrada de montanha.

O óleo MOBILOIL SUPER opõe ao desgaste a sua excepcional resistência.

resistência. MOBILOIL SUPER é o óleo dos

O novo MOBILOIL SUPER é ga-rantia de máxima protecção em todos as condições de condução. Com o seu aditivo especial au-mentador do Indice de viscosi-dide (VI Improver), é produzido para as condições particulares de cendução em Angola, dando ao seu automóvel, a máxima protec-ção.

ção.

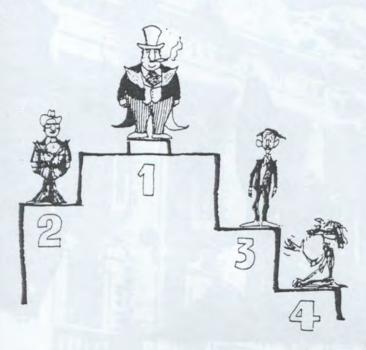
MOBILOIL SUPER excede todas as recomendações dos labricantes de automóveis.
Use MOBILOIL SUPER na proxima ver e veja pelo manômetro a sua diferença.

o seu carro precisa



PASSATEMPO

EXTRAVAGÂNCIAS AMERICANAS





A mais recente diversão do "Washington Post" é divulgar certas extravagâncias cometidas pelo Governo norte-americano em matéria de despesas, o que deixa os contribuintes, sempre muito ciosos no pagamento dos seus impostos, loucos da vida.

111

Entre as últimas "descobertas" publicadas pelo jornal, está a atribuição de 70 mil dólares para o estudo do cheiro do suor dos aborígenes australianos.

111

E mais: o Departamento de Serviços Sociais gastou 19.300 dólares para saber por que é que as crianças caem dos triciclos. A conclusão dos técnicos encarregados de estudar o assunto, depois de quase 20 mil dólares de pesquisas, foi a seguinte: "O triciclo é um veiculo de pouca estabilidade, que vira com facilidade nas curvas".

111

O jornal revela também que a Rainha da Inglaterra recebe anualmente 68 mil dólares de indemnização do Governo para não plantar algodão nas terras que possui no Mississipi.

111

Mas o mais bem aquinhoado foi o Marechal Tito: 2 milhões de dólares pela compra, pelo Governo americano, do seu iate.



IMAGENS DO MUNDO

HENRY KISSINGER confiou as suas impressões sobre alguns dos leaders árabes com quem teve encontros de trabalho.

- -SADAT: calmo, racional.
- -REI FAIÇAL: homem de palayra, sério.
- —BOUMEDIENE: Inteligente, apaixonado.
- HUSSEIN: amayel, digno de confiança.

SEU OFÍCIO È SER NIXON

o, como o presidente, o actor Richard M. Dixon, vedeta do filme "RICHARD" paródia da vida de Nixon — viu a sua cotação baixar duramente.

"Apontum-me a dedo na rua, diz ele. Ninguém está interessado em contratarme.





Boston ainda é considerada a cidade mais puritana dos Estados Unidos. Por isso mesmo, Vivian Lamb preferiu deixar o perímetro urbano para desenvolver sua inteligência e demais atributos, principalmente o busto, que se deu muito bem ao ar livre, num lugar cercado de rochas. A inteligência ainda não produziu nenhum resultado apreciável, mas o busto grovocou uma peregrinação de fotógrafos e curiosos que queriam conhecer de perto a solitária mocinha. Vivian deixou-se fotografar em dois modelos: com maio e sem. E recebeu pedidos para voltar à cidade, a fim de ser a futura miss bostoniana, antes que de página central do Playboy.

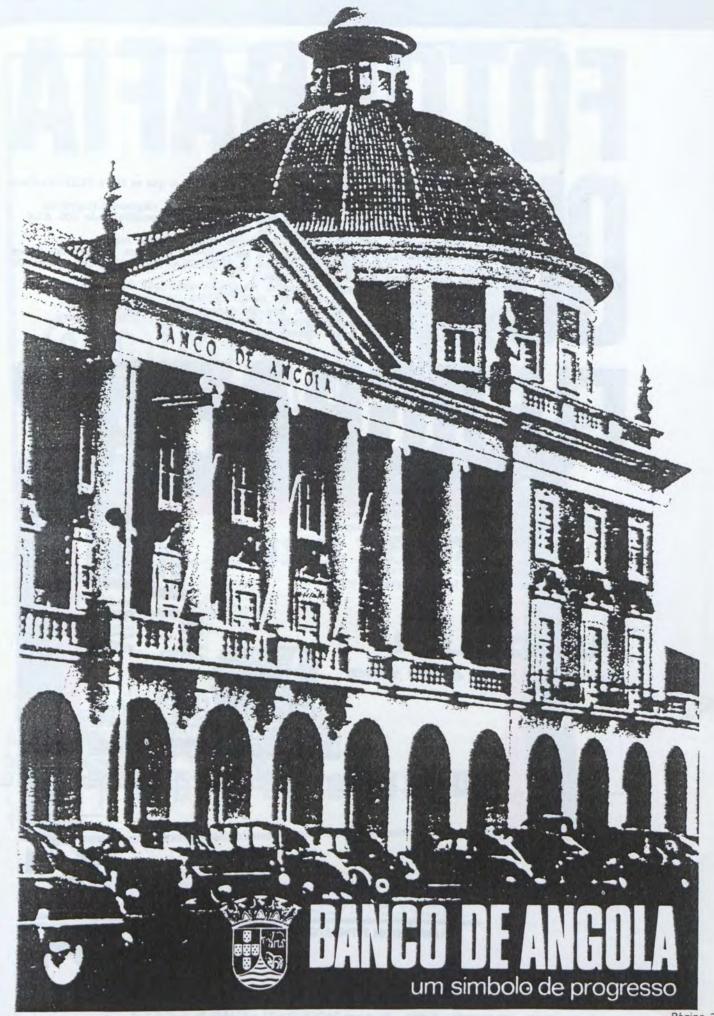


SEJA SNOB COM TODA A SIMPLICIDADE

Andar to ROLLS i simples a printice, mas perquè con usar la proper la inder num VOLKSWACHN, è la nhem

ž ista i proposta to Car therine Virgitti que por 2,000f, se propõe vestir os Fuscus com um capor especial, que transforma aum ROLLS... WAGEN.

An. Se Fermand Porshe tivesse visto isto.



EUTOGRAFIA

As coisas novas precisam de nomes diferentes!

Por isso quando se fotografa a cores com FUJICOLOR, o que se faz é FUJIGRAFAR.

Onde está a diferença?

Os filmes FUJICOLOR, fabricados pela mais importante empresa fotográfica do Japão, são actualmente os únicos filmes a cores com sensibilidade 100 ASA que pode adquirir em Angola.

Para si, na prática, 100 ASA significa maior rapidez. Poder reduzir o tempo de exposição e assim aumentar a precisão das imagens, captar com maior nitidez pessoas e objectos em movimento, ou FUJIGRAFAR em lugares demasiado escuros para outras marcas de películas.

Se juntar a esta fundamental vantagem técnica, a qualidade das cores, de uma fidelidade extraordinária do natural, compreenderá por que fazer fotografia com FUJICOLOR nós chamamos FUJIGRAFAR.

É, finalmente, ter melhores fotografias usando o melhor material sensível que a técnica japonesa criou nestes últimos anos.

FUJUGRAFIA?

Prove-o! Na próxima vez que carregue a sua máquina fotográfica, peça, exija, ao seu vendedor a caixa verde de FUJICOLOR (ou FUJICHROME para diapositivos) com a marca N-100 ou R-100. Não esqueça!

... E não se deixe convencer do contrário (o contrário seria voltar, simplesmente a fazer fotografias correntes).

FUJICOLOR

a côr que seus olhos vêem



Representante exclusivo para Angola:

colorama



LABORATORIOS FOTOGRAFICOS



DIA DOS COMANDOS

29 DE JUNHO DE 1973

1.° ENCONTRO
DE COMANDOS
NA DISPONIBILIDADE